

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**De 2010 a 2013: a conexão 3G e os aparelhos móveis nos contextos dos movimentos ciberativistas de Natal-RN-Brasil**

Raquel Souza da Silva<sup>1</sup>

**Resumo**

Busca-se descrever o processo histórico dos movimentos ciberativistas da cidade de Natal-RN-Brasil por meio das formas de “consumo de acesso ao ciberespaço”, de 2010 a 2013. Para isso, este artigo pensa a plataforma social Twitter, o organismo sociológico da cidade, os aparelhos móveis de comunicação online e digital, a conexão 3G e os dois movimentos empenhados por twitteiros natalenses, sendo eles: o “#ForaMicarla” e a “#RevoltadoBusão”. Todo este cenário pretende discutir as redes sociotécnicas produzidas por cada tecnologia que emerge em contexto de conflito e a interferência desta relação para o cenário político local.

**Palavras-chave:** consumo de acesso; tecnologias digitais; ciberativismo;

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF). E-mail: [quequelsouza@gmail.com](mailto:quequelsouza@gmail.com).

## 1- Introdução

O Twitter, como descreve o próprio site [www.twitter.com](http://www.twitter.com), é um projeto que foi desenvolvido em duas semanas na cidade de São Francisco-EUA e posto na rede em agosto de 2006. O criador Jack Dorsey tinha no início a ideia de saber o que os seus amigos estavam fazendo. Com a popularização da ferramenta, em 2007, foi fundada a “Twitter Incorporated”. A interação entre os usuários do Twitter tem como ponto de partida um campo de postagem que possui a pergunta: What’s happening? (O que está acontecendo?). A resposta deve conter no máximo 140 caracteres. Esse tipo de configuração privilegia a rapidez da postagem por meio dos aparelhos celulares. No Brasil, a ferramenta ganha um número expressivo de adeptos em 2009, com 35 milhões de usuários. Estudo de 2013 da plataforma Conecta, do Ibope, e a Worldwide Independent Network of Market Research (Win) <sup>2</sup>apontou que a penetração de celulares do tipo inteligente no Brasil dobrou entre os anos de 2011 e 2012, passando de 08% para 19%. Também houve uma penetração maior dos Tablets, saindo de 01% para 05%. Neste mesmo estudo, foi constatado que quando se trata do uso de tablets e smartphones para acesso à internet houve um aumento considerado: hoje 44% dos internautas usam o smartphone e 26% usam o Tablet.

Os dados apresentados têm como intuito discutir como a relação entre o aumento no número de acesso ao ciberespaço no país por meio dos aparelhos móveis de comunicação e a internet 3G pode trazer ou não novas perspectivas para o quadro político empenhado pelos movimentos ciberativistas. Para esta discussão, teremos como campo de análise as etnografias realizadas com e nos movimentos ciberativistas da cidade de Natal-RN, são eles: o “#ForaMicarla” e a “#RevoltadoBusão”.

Para pensar esta rede política que emerge da imbricação das agências de humanos e não-humano (LATOUR, 1994; 2000) , vamos discutir três momentos da etnografia com os movimentos ciberativistas natalenses: 1º) a interrupção da conexão wi-fi da Câmara Municipal durante o acampamento “#primaverasemborboleta” do “#ForaMicarla” como forma de impedir a transmissão via Twitter das ações dos acampados. 2º) a diminuição significativa no número de postagens dos twitteiros do “#ForaMicarla” nos momentos da realização das passeatas de rua. 3º) o uso dos celulares durante a passeata da “#RevoltadoBusão” de 2013 como modo de produção nas mídias sociais de um discurso contrário ao que vinha sendo produzido pela mídia tradicional da capital potiguar.

A etnografia aparece diante deste conjunto de dados quantitativos como uma forma de entender as apropriações que vem sendo desempenhadas por seus consumidores em contextos locais. E ao tomar como campo de análise a apropriação em seu aspecto político, buscamos pensar de que forma a agência da máquina junto à agência humana vem atuando na organização política da cidade. Bruno Latour (1994, p.11) afirma que devemos pensar a rede além de uma rede social estritamente agenciada pelos humanos e entender que as redes são sociotécnicas. Em seu investimento em uma antropologia da ciência, Latour (2000), seguindo engenheiros e cientistas, mostra como as ciências naturais não devem ser compreendidas como “coisas-em-si”, uma vez que a purificação moderna de separação entre a natureza e o social acaba por escurecer a participação na rede dos não-humanos. Por isso que ele afirma:

Os críticos pensam que estamos falando de técnicas e de ciências. Como estas últimas são, para eles, marginais, ou na melhor das hipóteses manifestam apenas o puro pensamento instrumental e

---

<sup>2</sup> Ibope/ Conecta: Pesquisa avalia penetração de smartphone, tablet e e-reader. Disponível em: <<http://www.ccs.com.br/ultimas/63618/Ibope-Conecta>>. Acesso em: 14 mai. 2013.

calculista, aqueles que se interessam por política ou pelas almas podem deixá-las de lado. Entretanto, estas pesquisas não dizem respeito à natureza ou ao conhecimento, as coisas-em-si, mas antes a seu envolvimento com nossos coletivos e com os sujeitos (LATOURE, 1994, p.09).

Latour (1994, p.16) também ressalta que a modernidade designou dois conjuntos de práticas totalmente diferentes: “o primeiro conjunto de práticas que cria, por "tradução", misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por "purificação", duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro”. O primeiro conjunto é o que Latour chama de redes. Portanto, a intenção deste trabalho é abrir um campo de reflexão que busca compreender como o “consumo de acesso ao ciberespaço” (PAVESI, 2012), por meio de cada nova tecnologia de comunicação digital e online, permite ou não novos processos políticos. Assim, existe a busca pela compreensão de como esta rede sociotécnica produz ou não, no que tange principalmente a redes que são constituídas por meio da imbricação entre o digital e não-digital, novas ações políticas.

## **2- Um breve panorama da história do ciberativismo**

A emergência da internet na década de 90, a expansão da tecnologia de rede digital e online e o aumento das formas de acesso ao ciberespaço, por meio dos tipos de conexão (discada, 3G e 4G) e dos aparelhos (computador de mesa, notebook, palm tops, tablets e smartphones), apresentaram-se como elementos importantes para o surgimento de novas conjunturas sociais, culturais, políticas e econômicas. Desta forma, trazendo novos desafios aos pesquisadores das ciências sociais.

Para os cientistas sociais, era cada vez mais clara a necessidade de estudar estas diversas formas de apropriação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) e as organizações sociais e culturais constituídas a partir destes usos e significações. Portanto, aparece neste cenário acadêmico uma forte preocupação com o aspecto político que se constrói a partir da relação entre o homem e as TICs. A respeito disso, Jenny Pickerill (2003, p. 14) afirma que a política do ciberespaço<sup>3</sup> pode ser pensada de três

---

<sup>3</sup> “[...]conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão. A partir das intrincadas relações estabelecidas nesse sistema, emergem as referências a um 'espaço informacional', indicando o caráter teórico que embasa a concepção da espacialidade do ciberespaço.” (FRAGOSO, 2000, p.01). A autora afirma que as experiências na virtualidade das redes digitais são muitas vezes descritas por meio de metáforas relacionadas à espacialidade do “mundo real”. Por isso, ela acredita que a incorporação destes termos em nossa cultura aponta para um possível paralelismo entre “espacialidade de nossa experiência cotidiana e a percepção que temos da abstração a que denominamos ciberespaço.”. (FRAGOSO, 2000, p.02). Ainda de acordo com Fragoso, no pensamento ocidental, existem duas formas fundamentais de compreender o espaço "real": o "espaço absoluto" e o "espaço relacional". O primeiro existe de forma anterior e independente dos elementos que o ocupam e tem como características importantes a homogeneidade e a infinitude. Já o segundo seria formado a partir das relações entre os objetos que o compõem. Uma vez que o espaço do ciberespaço é formado por meio das relações entre os objetos, Fragoso (2000, p.06) afirma: “apreendemos a espacialidade do mundo físico a partir da percepção das relações que os vários elementos que povoam estabelecem entre si, também o espaço da Web se revela para os usuários a partir da identificação das relações estabelecidas entre os vários elementos que o compõem - no caso da World Wide Web os vários WebSites - o ciberespaço seria, por definição, uma espaço do tipo relacional.”. (FRAGOSO, 2000, p.08).

maneiras: a política no ciberespaço – que envolve o funcionamento interno do ciberespaço e aqueles que estão online –; políticas e legislação – que trazem impactos ao ciberespaço –; e o uso político do ciberespaço – como a tecnologia é usada para afetar a “vida política offline”.

Tendo cada vez mais o entendimento dos condicionantes da tecnologia da comunicação online e as formas de uso político do ciberespaço, os movimentos sociais, segundo Castells (2003, p.115), passaram a se manifestarem na e pela internet. O autor afirma que a internet tornou-se uma ágora eletrônica global, desta forma, se formando como lugar de comunicação alternativa diante das mídias tradicionais empresariais, como jornais, revistas, TVs e Rádios. Castells (2003) vai chamar atenção para o fato de que a Internet é muito mais do que um instrumento útil para os movimentos sociais, uma vez que ela se adapta as características básicas de cada movimento que surge na Era da Informação. “E como se encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada.”

Dentro desta compreensão, Eugênia Rigitano (2005, p. 249) salienta que a internet vem constituindo-se como uma importante ferramenta e um espaço para as lutas sociais contemporâneas. Isso ocorre pelas novas condições advindas com as plataformas de interação online, as quais facilitam as atividades em termos de tempo, distância geográfica e custo. Essas plataformas permitem juntar pessoas que não se conhecem em prol de causas locais e transnacionais, bem como possibilitam a quebra do monopólio da emissão da informação, tendo a internet como mídia alternativa frente às tradicionais empresas de comunicação de massa. “Sendo assim, movimentos sociais, ONGs e indivíduos fundam, a partir do uso da Internet, o chamado ciberativismo, ativismo digital ou ativismo online” (RIGITANO, 2005, p. 249).

Outro fator importante neste processo histórico que apresentamos da relação da internet com os movimentos sociais é que, quando se falavam de ciberespaços de organização política em prol de ações ciberativistas, estas plataformas eram muitas vezes criadas por organizações não governamentais. Jenny Pickerill (2003, p.04) afirma que os grupos de ativismo ambiental estão como os pioneiros em construir formas de organização na internet, por meio de sites, na busca por trazer à esfera pública um debate em torno das críticas às políticas ambientais.

Por volta do final dos anos 90 e início do século XXI, começa a existir as chamadas mídias sociais dentro do que foi denominada de segunda geração da internet, a web 2.0<sup>4</sup>. Qualquer pessoa a partir desta época passou

---

<sup>4</sup> “A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador. [...] mais do que o aperfeiçoamento da “usabilidade”, o autor enfatiza o desenvolvimento do que chama de

a poder abrir uma conta em plataformas como “blog” e “Orkut” e construir uma rede de interação intensa. Raquel Recuero (2009, p.102 e 103) nomeia as mídias sociais também de “sites de redes sociais (SRSs)”. Para a autora, os SRSs não devem ser vistos como “um elemento novo, mas uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais.”. Recuero (2009) ainda afirma que as mídias sociais devem ser compreendidas como plataformas que colocam em evidência as redes sociais dos cibernautas na Internet.

A grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line. Assim, nessa categoria estariam os fotologs (como Flickr e o Fotolog, por exemplo); os weblogs; ferramentas de micromessaging atuais (como Twitter e o Plurk). além de sistemas como Orkut e o Facebook, mais comumente destacados na categoria). (RECUERO, 2009, p.102 e 103).

A intensificação do uso de mídias sociais e o aperfeiçoamento das tecnologias, tanto destas plataformas como as de acesso a elas, trouxeram novos cenários para as práticas ciberativistas. Por isso que Castells (2013, p.23) parte do movimento na Tunísia em 2009 como o marco da insurgência política de uma nova espécie de movimento social em rede da era digital. Este movimento e o da Islândia, em 2011, se tornaram referências para outros movimentos ciberativistas, que apresentaram modelos de organização e atuação semelhantes aos que eclodiram no mundo Árabe, na Europa, nos Estados Unidos e até mesmo no Brasil.

Neste sentido que Castells (2013, p.23) afirma:

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda história. As características dos processos de comunicação entre indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero. [...] Em todos os casos, os movimentos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões.

É diante deste cenário que emerge o movimento social da hashtag “#ForaMicarla” em Natal-RN, que tem início em 2010 no Twitter (TT) com a insatisfação dos cidadãos com a gestão da ex-prefeita da cidade, Micarla de Sousa (2008 a outubro de 2012) do Partido Verde. O movimento “#ForaMicarla” começou em rede no TT e tempos depois, em maio e junho de 2011, chegou às ruas promovendo passeatas e a instalação de um acampamento na Câmara Municipal. O acampamento “#primaverasemborboleta” começou em 11 de junho de 2011 e teve a duração de 11 dias. Foi durante as passeatas e no acampamento que os participantes

---

“arquitetura de participação” [...] Se na primeira geração da Web os sites eram trabalhados como unidades isoladas, passa-se agora para uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo. Logo, O’Reilly destaca a passagem da ênfase na publicação (ou emissão, conforme o limitado modelo transmissionista) para a participação: blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de home-pages estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o Flickr, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres, podem buscar fotos em todo o sistema;” (PRIMO, 2007, p.02 e 03).

do “#ForaMicarla” apresentaram em seus discursos que este tratava-se de um movimento “espontâneo, plural, horizontal e suprapartidário”.

Até aquela época, eram inéditos dois fatos: a quantidade de pessoas envolvidas nas passeatas, as quais cada uma reunia cerca de três mil pessoas, e a realização de um acampamento no legislativo municipal. Com os vários questionamentos trazidos para o cenário político da cidade de Natal-RN por este que foi o primeiro movimento ciberativista da capital, foi realizado um trabalho etnográfico no Twitter e nos momentos em que o movimento estava nas ruas da cidade. Desta forma, o trabalho etnográfico ocorreu sistematicamente de março a dezembro de 2011 e culminou, em abril de 2012, com a defesa da dissertação “Twitter e ciberativismo: o movimento social da hashtag “#ForaMicarla” em Natal-RN”, no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN).

Depois de dezembro de 2011, ocorreram outros fatos dentro do movimento “#ForaMicarla”, pois este terminou apenas em outubro de 2012 com a saída da gestora Micarla de Sousa do cargo sob a acusação de improbidade administrativa. Neste mesmo ano, ocorreu no Brasil o pleito eleitoral para os cargos de prefeito e vereador. Ganhou as eleições para prefeito de Natal o candidato Carlos Eduardo (PDT), tendo como vice-prefeita Wilma de Faria (PSB). Ainda no ano de 2012, a primeira “#RevoltadoBusão” - movimento em rede natalense nas plataformas sociais online contra o aumento da passagem – também chegou às ruas em setembro. A “#RevoltadoBusão” voltou a realizar passeatas no início de 2013, sendo na gestão do prefeito Carlos Eduardo.

Todo este breve relato do processo histórico do ciberativismo em Natal – “#ForaMicarla” e “#RevoltadoBusão” - tem o intuito elucidar a trajetória destes movimentos sociais da capital potiguar e a relação deles com o “consumo de acesso ao ciberespaço” realizado por seus sujeitos. Deste modo, buscamos pensar como as ações produzidas por ciberativistas e pelo Estado podem lançar novos cenários sociais e políticos por meio da relação entre consumo tecnológico, cidade e política.

### **3- Ano de 2011, a conexão wi-fi e o “#ForaMicarla” no contexto da apropriação tecnológica em seu aspecto político**

O dia 07 de junho de 2011 foi agendado no Twitter para a realização de mais uma manifestação do “#ForaMicarla”. Cheguei à Praça Cívica, localizada no bairro de Petrópolis, às 09h. No primeiro momento, havia poucos manifestantes. Ao passar do tempo, mais pessoas foram chegando. Encontrei logo no início uma aluna que conheci quando eu fazia estágio docência na UFRN. Em seguida, ela realizou o meu primeiro

contato com @ItsMenrex, que também foi apontado por @dayvsoon<sup>5</sup> como integrante do “#ForaMicarla” e que tempos depois eu compreendi sendo um dos integrantes do grupo “#MobilizaNatal”, um dos vários grupos formados dentro do movimento.



Figura 01 – Foto da passeata do “#ForaMicarla” em 1º de junho de 2011, registrada por @DELLRN

Na concentração da passeata, existiam também manifestantes com bandeira de partidos, quais sejam: PT e PSTU. O presidente estadual do PSTU, Dário Barbosa, era um dos manifestantes presentes, mas não seguiu com o grupo em passeata. Existiam faixas com a hashtag “#ForaMicarla”. Também estava presente um número razoável de repórteres de algumas mídias locais. Depois, começou a chover mais forte, por isso alguns dos manifestantes iniciaram a passeata e outros não quiseram seguir. A caminhada saiu com um grupo de cerca de 150 pessoas e foi em direção à Prefeitura de Natal, seguindo rumo à Câmara Municipal.

Quando eu retornava da sede da Prefeitura de Natal, com o grupo de manifestantes, resolvi buscar o meu carro, que estava parado em uma distância significativa da Câmara Municipal de Natal, e estacionar nas mediações da sede do legislativo. Quando eu procurava um lugar no estacionamento, meu carro quebrou no meio da Av. Prudente de Moraes e tive de rebocá-lo.

---

<sup>5</sup> Cheguei ao “#ForaMicarla” por meio de @dayvsoon no Twitter. A partir dele, fui chegando aos outros sujeitos da pesquisa.

Não encontrei @dayvsoon e @DELLRN <sup>6</sup>no momento da manifestação na sede da prefeitura e na Praça Cívica. Depois, no Twitter, os dois responderam-me que apenas compareceram à manifestação quando os ocupantes estavam na Câmara Municipal. Vale ressaltar que apenas conversei com @dayvsoon e @DELLRN no Twitter quando cheguei em casa, pois naquela época, assim como boa parte dos participantes da passeata, eu não possuía telefone smartphone e nem conexão à internet móvel. Por isso, quando eu acompanhava o movimento nas ruas, não tinha como observar as práticas que ocorriam naquele momento no Twitter. Isto fazia com que eu não conseguisse interagir com a minha rede online, bem como implicava numa ação de pesquisa em que os prints da “timeline” deveriam ser realizados assim que eu chegasse em casa, pois a plataforma não permitia carregar a timeline depois de mais de 12 horas de postagens.

Desta forma, em casa e às 13h30, soube que os manifestantes chegaram à sede do legislativo por volta das 11h30. Recebi por meio do twitter a informação de que alguns manifestantes resolveram acampar. O @xoinseto, perfil que se definia como “Movimento Lúdico Político Lítero Artístico Cultural Conectado Xô Inseto! Pela retirada do inseto que ocupa a prefeitura do Natal” e que muitos informantes afirmaram que era de um setor do Partido dos Trabalhadores de Natal (PT), afirmou: “Galera, ocupamos a Câmara Municipal. E não vamos sair daqui tão cedo. Venham para cá e convoquem os amigos. RT #ForaMicarla”.

Observei durante esta passeata e primeiro dia da ocupação da sede do legislativo municipal a presença de poucos repórteres dos jornais, rádios e TVs de Natal. Às 14h do mesmo dia, um dos ocupantes disse a outro que ele deveria fazer o seu protesto por meio da transmissão da Twitcam do @xoinseto, pois essa era a imprensa do “#ForaMicarla”, não a “mídia comprada”. Foi quando o @xoinseto postou que não estava vendo a presença da mídia local na Câmara Municipal. Por volta das 17h, @dayvsoon também reclamou no Twitter o fato de que nenhuma emissora de TV, até o momento, havia falado sobre a ocupação na Câmara Municipal de Natal.

Os momentos da ocupação em que eu estive presente na sede do legislativo foram fundamentais para observar o quanto era importante para o coletivo “#ForaMicarla” manter um contato, quase que 24 horas, com os twitteiros e também por meio do blog oficial do “#primaverasemborboleta”. A gestão de Micarla de Sousa parecia reconhecer a importância da Twitcam para mobilizar a opinião pública em favor do “#primaverasemborboleta” e, em consequência, do “#ForaMicarla”. Isso ficou de certa forma em evidência quando no terceiro dia do acampamento, em 09 de junho de 2011, a transmissão *wi-fi* do prédio foi interrompida, impedindo, dessa forma, o contato entre os ocupantes e os twitteiros por meio da Twitcam.

---

<sup>6</sup> Foi apresentado por @dayvsoon. Fazia parte do grupo “#MobilizaNatal” formado dentro do “#ForaMicarla”.



Com o tempo, os ocupantes perceberam que esse tipo de relação estabelecida entre o acampamento e os internautas requeria mais cuidado em relação ao processo de negociação para permanência do acampamento na sede do legislativo municipal.

Raquel: Você sentia que existia uma preocupação de sempre estar em contato com os internautas?

Vítor<sup>7</sup>: Com certeza. Principalmente o pessoal do @xoinseto, pessoal do @MobilizaNatal, do @buracosdenatal, sempre ressaltando a importância de manter a Twitcam aberta. O pessoal da comissão de imprensa, que eu fazia parte, tava até planejando como ia fazer. Pegar a Twitcam e fazer boletins diários em horários determinados, como um jornalzinho explicando o que estava acontecendo. Colocar um conteúdo mais qualificado, do que só uma câmera do que estava acontecendo, do que apenas pessoas circulando e não falando nada. Tinha esta preocupação do pessoal da parte cultural que chamava o pessoal para assistir as apresentações. Também quando tinha discursos do pessoal de fora, também havia a preocupação de transmitir. A gente sabia que se perdesse contato com o pessoal da internet a gente ia perder a capacidade de envolver as pessoas se tivesse a necessidade. Então, sempre nos momentos de emergência, tipo: vão tirar a gente daqui. Falar com todo mundo da internet. E a Twitcam servia muito para isso.

O “#ForaMicarla” legitimava-se em seu discurso como um movimento de rede social da internet. Por isso, eles percebiam que o canal privilegiado para a convocação do apoio aos ocupantes era o Twitter. Nesse momento, a internet era vista como a mídia revolucionária e como mais importante do que os canais de televisão local, as emissoras de rádio e os jornais impressos. Sobre esse entendimento, um dos ocupantes declarou durante a sessão do “#ForaMicarla” realizada em 17 de junho de 2011: “a revolução agora não é mais televisionada. Agora ela é twittada”.

Em um mundo cada vez mais globalizado e em rede, a reputação de pessoas, grupos, políticos e empresas passa a ser uma forte preocupação na contemporaneidade. Outra preocupação que aparece neste cenário é com a chamada “cibervigilância”. Por meio deste caso do “#ForaMicarla”, podemos perceber que tanto os manifestantes bem como a gestão de Micarla de Sousa tinha o conhecimento técnico dos suportes e das formas de acesso ao ciberespaço. Do lado dos ciberativistas, a expertise técnica era fundamental para a produção da reputação do movimento e de mobilização de mais integrantes. Do lado dos políticos, era uma forma de efetuar a “vigilância” e também a de produzir a desconexão do movimento. Com as tecnologias disponíveis, cortar a transmissão de sinal de internet *wi-fi* era provocar uma interrupção em uma parte da rede e buscar ter o controle sobre as ações políticas do “#ForaMicarla”. Bem como, existia o entendimento de que a “Twitcam” era um nó denso desta rede que precisava ser colonizada, como faziam os colonos em um processo de guerra colonial.

---

<sup>7</sup> Estudante na época do curso de Políticas Públicas da UFRN e integrante da comissão de comunicação do acampamento “#Primaverasemborboleta”.

Em palestra para os alunos do curso de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), o professor Jair de Souza Ramos (2013) apresentou uma relação entre as redes e a administração colonial. Segundo o antropólogo, havia uma forte preocupação por parte dos administradores coloniais de ocupação do território, e, para isso, um dos recursos utilizados foi a construção de vias de comunicação e núcleos de povoamento. Desta forma, o pesquisador chama atenção para o fato de que com estas estratégias adotadas pelos colonizadores podemos perceber que “o papel das redes e de seus nós na organização humana tem uma história muito antiga. [...] a conquista e a administração colonial devem ser entendidas como atravessadas pelo esforço em produzir conexões”.

Em última instância, os estudos coloniais, especialmente aqueles influenciados pelo conceito de governamentalidade de Foucault, nos mostram que governar é estabelecer cadeias de conexão por meio das quais deveriam circular mercadorias, tributos, trabalho e autoridade. Nesse sentido, não há nenhuma oposição fundamental entre redes e estruturas verticalizadas, como supõe Castells, uma vez que estas últimas demandam um esforço de centralização que se faz pela captura de redes que conectavam espaços de povoamento e de trabalho (RAMOS, 2013).

É neste sentido que reconhecer os pontos densos da rede online do “#ForaMicarla” é atacar este ponto na produção de uma possível desconexão. De tal modo, é uma tática antiga de guerrilha como a produzida por colonos durante a expansão marítima. Assim, vale ressaltar que a “cibervigilância” está ancorada no entendimento de quais são as tecnologias de comunicação e de acesso ao ciberespaço que são consumidas pelos os ciberativistas e as ações realizadas por meio destas redes sociotécnica.

### **3.1 - Manifestantes nas ruas. Manifestantes fora do Twitter.**

Duas grandes passeatas ocorreram antes do ato de rua que culminou com o acampamento “#primaverasemborboleta”: uma no dia 25 de maio e outra no dia primeiro de junho, ambas em 2011. A passeata começou a ser preparada no Twitter às 07h00 em 25 de maio. A manifestação estava marcada para 18h00, em frente ao maior shopping da cidade, localizado na esquina entre duas maiores avenidas de Natal – avenida Salgado Filho e avenida Bernado Vieira. Neste dia, @BlockdeMicarla <sup>8</sup>postou, como sempre, matérias de portais de notícia local que descreviam casos suspeitos de improbidade administrativa por parte da gestão de Micarla de Souza e também retwittou a postagem de um twitteiro de sua rede, às 07h15: "Protesto contra @micarladesousa hoje a 18:00h na frente do @MidwayOficial. #foramicarla".

O dia continuou com vários twitteiros postando diversos casos de possíveis “descasos” da administração de Micarla de Souza. A jornalista @kallynakelly postou, às 09h30, o link do seu blog com a manchete: "Secretário não cumpre o que declarou à imprensa e maioria das escolas continuam sem merenda". Em

---

<sup>8</sup> Fake que apresentava a ação de oposição à Micarla de Sousa no Twitter.

seguida, @kallynakelly pediu explicações diretamente a @walterfonseca, secretário de educação, sobre o caso. Com as postagens dos twitteiros dos “#ForaMicarla”, @thalitamoema postou que estava sendo realizada na Avenida Salgado Filho a operação “tapa buraco”, desta forma, atendendo uma das reivindicações do movimento.

Naquela época, a proposta inicial da pesquisa era realizar uma etnografia do movimento na plataforma Twitter, por isso que não fiz a observação-participante nas ruas durante as duas primeiras passeatas. Depois foi ficando claro que tratar as redes on e off em separado não fazia sentido e que a pesquisa deveria buscar seguir as redes do “#ForaMicarla”. Mas esta escolha de observar o movimento no Twitter quando a passeata estava nas ruas trouxe pontos importantes para pensar esta relação entre consumo de acesso ao ciberespaço, usos e política.

A passeata começou às 18h00 e terminou às 21h00. Durante as três horas do movimento nas ruas, percebi no Twitter que houve uma drástica diminuição no número de postagens. Desta forma, não tinha como ter uma dimensão do que estava ocorrendo no ato de rua. Os twitteiros retornaram à plataforma logo após o término da manifestação. Em suas postagens, eles comemoravam o fato inédito de duas mil pessoas nas ruas em protesto e postavam a hashtag “#EuPareiNatal”.

A manifestação de rua do dia primeiro de junho também ocorreu com uma grande preparação do ato no Twitter. O ponto de encontro dos manifestantes ocorreu em outro shopping da cidade, localizado às margens da BR-101. Assim como em 25 de maio, houve uma diminuição de forma drástica no número de postagens no Twitter quando o movimento estava nas ruas.

Tempos depois, em entrevista e em conversas informais com os principais informantes desta pesquisa, tive a informação de que boa parte acessava o Twitter por meio do computador de mesa e não possuíam conexão de internet fora do ambiente de casa e do trabalho. Desta forma, o acesso ao Twitter era diferente daquele idealizado pelos construtores americanos da plataforma. Assim, percebemos neste processo de consumo de acesso ao ciberespaço, e das próprias mídias sociais, uma apropriação local diferente da vivida por consumidores de tecnologia norte-americanos.

O contexto econômico e social local produz um cenário de consumo das mídias sociais distinto daquele pensado pelos “donos” da plataforma Twitter. Em 2007, o acesso dos norte-americanos ao ciberespaço se dava por meio de um consumo bem mais amplo de aparelhos móveis e conexão 3G do que o contexto brasileiro. Neste quadro, a etnografia em contextos locais apresenta-se como uma forma elucidativa das práticas dos sujeitos nesta relação global/local e do agenciamento das tecnologias sobre os processos políticos regionais contemporâneos.

#### 4- A presença dos smartphones e da conexão 3G no contexto da #RevoltadoBusão de 2013

Em 21 de junho de 2013, o movimento ciberativista “#RevoltadoBusão” voltou a promover manifestação nas ruas de Natal. Este ato ocorreu após forte repressão policial recebida pelos manifestantes na última passeata em 15 de maio. Toda a série de manifestações foi desencadeada após o anúncio de aumento da tarifa de ônibus por parte da gestão do atual prefeito Carlos Eduardo (PDT). O movimento foi batizado de “#RevoltadoBusão”, como uma extensão do mesmo movimento que ocorreu no final da gestão de Mícarla de Sousa (outubro de 2012).

No dia 15 de maio, a passeata da “#RevoltadoBusão” começou às 17h e foi até às 22h. A manifestação ocorreu de forma pacífica, até o momento em que, de acordo com os internautas que relataram o ocorrido no Twitter, no Facebook e em seus blogs, os policiais encerraram os manifestantes em um túnel, localizado na BR -101 nas mediações da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e atiraram balas de borracha e spray de pimenta contra os manifestantes. As ações dos manifestantes podiam ser acompanhadas nas mídias sociais ao mesmo tempo em que a passeata ocorria, deste modo, diferente das passeatas do “#ForaMícarla” em que existia uma diminuição drástica no número de postagens no Twitter quando os manifestantes estavam nas ruas.

Ainda em 15 de maio, por volta das 21h, a filial da Globo, Inter TV Cabugi, entrou com um link ao vivo dizendo que tinha um cenário de guerra na cidade, em que manifestantes e policiais estavam em confronto. Vale ressaltar que poucas vezes a mídia local entra em horário da programação nacional para veicular fatos locais.

Depois desta notícia e de outras veiculadas no dia seguinte, uma verdadeira “guerra midiática” se instalou na internet. Como na postagem de 16 de maio do Blog “A Carta Potiguar”, a qual o título dizia “#RevoltaDoBusão: o inconformismo que não teme dizer seu nome<sup>9</sup>”. Logo no início, o post dizia: “Parte da imprensa, a que se diz imparcial, já encontrou as palavras neutras necessárias para descrever o que ocorreu ontem – ‘estudantes e policiais entram em confronto’, ou, estudantes e policiais ‘se enfrentam’. Será que foi isso que aconteceu?”.

Por causa deste cenário de disputa pela hegemonia do debate público, dos manifestantes por meio das mídias sociais e das mídias tradicionais que traziam depoimentos de policiais que diziam que a repressão policial foi realizada após as ações de vandalismo por parte dos integrantes da “#RevoltadoBusão”, é que existia uma forte preocupação por parte dos manifestantes de 21 de junho de promover um debate público nas

---

<sup>9</sup> #RevoltaDoBusão: o inconformismo que não teme dizer seu nome. Disponível em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/05/16/revoltadobusao-o-inconformismo-que-nao-teme-dizer-seu-nome/>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

mídias sociais relatando os acontecimentos da passeata ao mesmo tempo em que ela era realizada. Então, o consumo de acesso aos smartphones por meio de conexão 3G possibilitava uma nova ação política em que não existia durante o “#ForaMicarla”, de 2010 a 2012.

A “#RevoltadoBusão” do dia 21 de junho de 2013 começou às 17h na BR-101 em frente aos shoppings Via Direta e Natal Shopping. Pela primeira vez, o comércio do local, onde seria a possível trajetória do movimento, fechou às 15h. Os comerciantes temiam o confronto entre manifestantes e policiais, desta forma, temiam o prejuízo financeiro no que concernia ao dano físico aos estabelecimentos.

Segui caminhando pela BR -101 com um grupo de amigos em meio à multidão de 50 mil pessoas. Por meio do meu tablet e dos smartphones daqueles que caminhavam comigo, fiquei sabendo que a vereadora do PSTU Amanda Gurgel tinha sido agredida por manifestantes que não aceitavam a presença de bandeiras dos partidos. A caminhada foi em direção ao shopping Midway Mall, localizado a 4,5 km do ponto inicial. Durante este percurso, um dos manifestantes, que caminhava junto ao meu grupo, mandava para seu amigo do Rio de Janeiro as informações sobre a passeata de Natal. E seu amigo também enviava textos e fotos da manifestação que ocorria naquele mesmo momento na capital carioca.

Encontrei durante o trajeto com Glauber Costa, pessoa vista apenas como mais um dos 50 mil manifestantes, deste modo, não reconhecido como um nó denso da rede da “#RevoltadoBusão”. Porém, mesmo como pessoa “comum” neste cenário, chamou a minha atenção a sua atitude de forte preocupação de mostrar que a passeata seguia de forma tranquila e que os manifestantes estavam apenas com cartazes e gritos de protestos. Desta forma, ele enviava para sua rede no Facebook e no Twitter fotos e vídeos do que ele presenciava. E dizia: - Tenho que mostrar que o que a mídia vem noticiando é mentira! Até aquele momento, por volta das 20h30, não vimos a presença de policiais. A informação que chegava por meio da internet era de que o policiamento estava em ruas paralelas ao trajeto da “#RevoltadoBusão”.

Após chegar ao shopping Midway, os manifestantes começaram a se dispersar. Meu grupo precisava percorrer o caminho de 4,5 km de volta, pois não existiam ônibus circulando pelas cidades e nem taxistas. Neste percurso da volta, fomos escoltados por policiais. Portanto, Glauber Costa continuava registrando o que estava ocorrendo. Foi neste momento que ele recebeu uma foto de um amigo que mostrava que um grupo de manifestantes tinha derrubado um carro da equipe de jornalismo da “BandTV Natal”. E ele disse: - Agora vão dizer que o movimento só tem baderneiro. Tudo o que a mídia queria.

Em 2013, pouco tempo depois do término do “#ForaMicarla” em outubro de 2012, “o consumo de acesso ao ciberespaço” apresentava um cenário bem mais veloz e que promovia uma forte imbricação entre as redes on e off. Os celulares conectados à tecnologia 3G passava a ser uma extensão do corpo dos manifestantes de forma a promover uma ubiquidade do sujeito (JENKYS, 2008; TURKLE, 2010). No aspecto político e ciberativista, este cenário promove cada vez mais a impossibilidade de separar quando o movimento está nas

ruas e não está nas mídias sociais. Assim, o processo de tomada da esfera pública, da gestão da reputação do movimento e da “cibervigilância” praticada pelo Estado parecer ganhar novos contornos

### **Consideração Finais**

A intenção deste trabalho é abrir a discussão das possibilidades de pensar em tipos de ciberativismo que emerge diante de cada nova tecnologia de acesso ao ciberespaço, bem como ao mesmo tempo refletir sobre como é efetivado o consumo destas tecnologias em contextos locais e a interferência destas formas de acesso ao ciberespaço no cenário político.

Pretende-se pensar que rede sociotécnica é esta, quais as suas agências e a interferência em processos como o da reputação e da vigilância. Até mesmo, se almeja refletir quais os cenários promovidos por estas tecnologias em contraposição aos processos de vizinhança local sem tecnologias digitais e online como os identificados em trabalhos de autores como Nibert Elias e Scotson (2000) e Cláudia Fonseca (2000).

## Referências

CASTELLS, M. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Redes de indignação e esperança – movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FONSECA, C. Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo, Aleph: 2008.

Latour, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PAVESI, P. Navegando em embarcações clandestinas na Maré: o consumo do acesso à internet por meio de "gatos". Anais do VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo, Rio de Janeiro, Setembro 2012.

PICKERILL, J. Cyberprotest: environmental activism online. Inglaterra: Manchester University Press, 2003.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RAMOS, Jair de Souza. **Palestra: Teoria Social e a internet como novo espaço social**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 23/10/2013.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (FRAGOSO, 2000)

RIGITANO, Eugenia. Ciberativismo: Definições, Origens e Possíveis Classificações. In: LEMOS, André. Cibercidade II: Ciberurbe: a cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2005. p. 249-311.

TURKLE, S. *Alone together : why we expect more from technology and less from each other*. Philadelphia: Library of Congress Cataloging, 2010.